

BRUNO ANDERSON
A AMPULHETA DO
TEMPO



Editor

Thiago Domingues

Projeto Gráfico e Editorial

Rodrigo Rodrigues

Revisão

Pâmela Isabel Oliveira

Copidesque

Jade Coelho

Capa

Tiago Shima

Copyright © Viseu

Todos os direitos desta edição são reservados à Editora Viseu

Avenida Duque de Caxias, 882 - Cj 1007

Telefone: 44 - 3305-9010

e-mail: falecom@viseu.com

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Anderson, Bruno

A ampulheta do tempo / Bruno Anderson – 1ª ed. – Maringá: Viseu, 2018.

ISBN 978-85-5454-854-4

1. Fantasia 2. Literatura infanto-juvenil

I. Anderson, Bruno II. Título.

82-93

CDD-028.5

Índice para catálogos sistemáticos:

1. Fantasia: Literatura infanto-juvenil 028.5

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem a permissão expressa da Editora Viseu, na pessoa de seu editor (Lei nº 9.610, de 19.2.98).

1

São Paulo, janeiro de 1960. A cidade crescia em constante expansão e desenvolvimento devido ao crescimento econômico do setor industrial. Com isso, as pessoas começaram a arriscar tudo o que tinham, vindo de outros estados do Brasil para morar em São Paulo e conseguir emprego nas fábricas, na construção civil e no setor automobilístico. Dessa forma, a população local cresceu absurdamente pelo reflexo da boa economia, e a cidade rapidamente foi sendo ocupada por diversas pessoas de todos os tipos e etnias. As estradas começaram a ficar cheias de carros, ônibus, lambretas, carroças etc. Acompanhando todas essas mudanças, foram construídos os grandes arranha-céus, abrigando especialmente a sede de bancos e instituições financeiras com as suas atividades econômicas, comerciais e de serviços. Também foram sendo construídos diversos museus, restaurantes, teatros, bares, escolas e cinemas junto aos seus grandes letreiros iluminados por néon. Por isso, a cidade de São Paulo tornou-se bastante populosa e diversificada culturalmente.

Naquela época, eu e meus pais morávamos em São Paulo em um prédio luxuoso no Vale do Anhangabaú, onde o meu pai trabalhava como banqueiro, e, conseqüentemente, ele era dono do próprio banco, no qual exercia a sua profissão vivendo sempre muito ocupado, tratando de negócios pela cidade. Com isso, vivia perplexo com tantas tarefas a serem resolvidas em um curto espaço de tempo. Mesmo assim, ele sempre chegava em casa com um semblante renovado e com todos os problemas diários resolvidos. O meu pai era um homem de muitas virtudes e se chamava Manuel. Um moreno alto, de aproximadamente um

metro e noventa de altura, olhos castanhos escuros, bigode fino, corpo atlético e cabelos negros, que viviam sempre úmidos e jogados para trás. O meu pai adorava vestir-se de uma forma muito tradicional, gabando-se constantemente por se vestir daquela forma que, segundo ele, era muito elegante, pois o seu modo de se vestir seguia sempre um certo padrão. Ele sempre combinava o terno, o conjunto de paletó, a calça, o colete, a gravata e os sapatos na mesma cor e geralmente sempre estava de preto, pois era a sua cor preferida.

Em contrapartida, a minha mãe era completamente diferente do meu pai. Se na Física os opostos se atraem, na vida real as coisas parecem não ser tão diferentes assim, pois a minha mãe não possuía nenhuma profissão a não ser atazanar a pobre coitada da empregada doméstica que limpava a nossa casa. A minha mãe era do tipo daquelas mulheres chatas e maníacas por limpeza, e a casa deveria estar sempre muito bem limpa e cheirosa como o aroma das flores de jasmim nos campos; caso contrário, se a minha mãe enxergasse um grão de poeira sequer no chão de casa, ela imediatamente mandava a empregada limpar tudo novamente, o que de fato era um infortúnio, pois eu via a coitada da empregada limpar o chão de casa umas 20 vezes em um só dia. A minha mãe também possuía uma mania horrível de querer olhar-se nas panelas de metal da cozinha como se fossem espelhos; portanto, se ela não conseguisse contemplar a sua imagem na panela, ela imediatamente falava que a panela estava suja e mandava a coitada da empregada limpar tudo novamente até ficar clarinho e brilhante como os diamantes. A minha mãe era uma loira de aproximadamente um metro e sessenta e sete de altura, olhos azuis como safira, cabelos curtos e dourados, dona de um sorriso cativante. Chamava-se Rosa. Ela adorava frequentar festas e badalações na noite paulista, embriagando-se constantemente de vinhos, champanhes e outros espumantes,

além de ser amante de uma boa música e de uma ótima gastronomia. A minha mãe adorava esbanjar riquezas e ostentar roupas e as melhores joias preciosas que o dinheiro pudessem comprar. Assim como o meu pai, a minha mãe seguia sempre um certo padrão na sua forma de se vestir, pois ela adorava usar vestidos em tons pastéis, combinando as cores com os sapatos, bolsas, chapéus de plumas e os seus colares cravejados de joias preciosas prediletos. Assim, a minha mãe adorava ser o centro das atenções por onde passasse, pois ela era uma mulher vaidosa e cheia de peculiaridades. Desde o primeiro dia que o meu pai a viu, ele se apaixonou perdidamente por ela e sempre fazia as suas vontades.

Naquela época, os meus pais eram muito ocupados e ausentes na minha vida, o que me deixava bastante entediado em meio aos meus infortúnios. Por isso, deixe eu me apresentar a você. O meu nome é Nicolas e tenho 12 anos de idade, além de ser um moreno de aproximadamente um metro e sessenta e sete de altura, olhos castanhos escuros iguais aos do meu pai, cabelos negros e dono do mesmo sorriso cativante da minha mãe, e ao contrário dos meus pais, eu adorava me vestir usando camisetas, bermudas e tênis, porém eles eram contra eu me vestir dessa forma, pois eles diziam que as minhas roupas eram horríveis e, segundo eles, eu aparentava ser um mendigo; por isso, toda vez que eu saía com os meus pais, não importa qual fosse o lugar, eles sempre me enfiavam o terno e a gravata no meu corpo mesmo contra a minha vontade só para que eu pudesse parecer elegante diante das pessoas que os cercavam. Naquela época, eles faziam de tudo para me manter ocupado de forma a suprir as suas ausências na minha vida. Por isso, eu sempre estudava em ótimas escolas, de forma integral durante a semana, e nos finais de semana a minha mãe levava-me para fazer aulas de piano no centro da cidade, porque ela insistia que eu deveria ser um

grande músico, pois ela apreciava uma boa música, embora eu não gostasse tanto de piano quanto ela imaginava. De qualquer forma, eu sempre fui um aluno muito aplicado em tudo aquilo que eu me dispunha a fazer, por isso aprendi a tocar piano de uma forma excelente e conseguia tocar facilmente no piano todas as sinfonias de Beethoven, deixando a minha mãe muito orgulhosa e contente ao ver o meu desempenho no piano, o que também me deixava muito orgulhoso pelo fato de conseguir tocar aquelas músicas e por deixar a minha mãe feliz e orgulhosa. Em contrapartida, o meu pai queria que eu fosse um homem de negócios. Então, ele me matriculou em uma escola de período integral e ficava sempre de olho nas minhas notas, e não admitia de jeito nenhum uma nota menor que nove. Desse modo, a cada bimestre eu tinha de lutar para ganhar a nota 10, caso contrário eu teria de ouvir um sermão constrangedor vindo do meu pai. Por isso, desde então, eu busco sempre tirar a nota 10 na escola e, como recompensa, meu pai me dava muitos presentes, o que na verdade era nada mais nada menos do que o meu pai e a minha mãe sempre tentando suprir a ausência deles na minha vida com tudo aquilo que não fosse a atenção deles. No final do ano letivo, eu finalmente entrei de férias e senti um profundo alívio na minha alma, e tanto o meu pai quanto a minha mãe concordaram que não seria saudável eu passar as férias em casa com a companhia desastrosa deles. Assim, durante o início das minhas férias, no mês de janeiro, os meus pais resolveram mandar-me para a casa da minha querida e muito amada tia Sofia para que eu pudesse ficar com os meus dois primos Frederico e André, além do meu tio James, e me divertir com eles, já que havia um bom tempo que eu não os via, pois apenas nos comunicávamos por cartas. A casa dos meus tios ficava no bairro de Copacabana, na cidade do Rio de Janeiro, e particularmente eu adorava aquele lugar, mesmo sabendo que fazia um calor absur-

do e intenso que chegava a aproximadamente 40 graus célsius de temperatura com uma sensação térmica terrível de pelo menos 45 graus célsius de temperatura, a qual fazia as pessoas quase derreterem de tanto calor. O suor no rosto era inevitável. De qualquer forma, a cidade era surpreendentemente maravilhosa, pois possuía belas praias de água fria com um tom azul e cristalino totalmente apropriadas para o banho, nas quais as pessoas podiam livremente se banhar na água, pescar deliciosos peixes no mar, jogar futebol e frescobol na areia, entre outras atividades que tornavam aquele lugar totalmente especial. Assim, o bairro de Copacabana era o meu lugar predileto para passar as férias, pois era como se eu estivesse no paraíso. A tia Sofia era uma mulher espetacularmente bela, pois ela possuía um cabelo castanho claro curto e liso, e adorava usar laços no cabelo combinando com o vestido e os sapatos, e, pelo que já deu para perceber, essa mania de combinar as cores já vem de família. Os seus olhos eram azuis como safira, idênticos aos da minha mãe, além de possuir aproximadamente um metro e sessenta e oito de altura. Ela era muito meiga, doce e cheirosa como as rosas no jardim, e ainda trabalhava como vendedora em uma loja de antiguidades no centro da cidade do Rio de Janeiro. O meu tio James era um homem branco, alto e forte. Tinha aproximadamente um metro e oitenta e cinco de altura, olhos castanhos claros, cabelos negros cortados no estilo militar, além de não possuir barbas ou bigodes, pois ele detestava. A sua profissão era a de mecânico e quase todo o tempo vestia um macacão na cor azul. Por coincidência ou não, ele possuía um carro modelo Volkswagen fusca na cor azul. Os meus dois primos, Frederico e André, eram muito parecidos entre si, pois eram gêmeos. Os dois eram branquelos e muito magrinhos. Chegavam a lembrar um bicho-pau. Ambos tinham aproximadamente um metro e setenta de altura e tinham 14 anos de idade, além de possuí-

rem cabelos negros e olhos castanhos claros, porém o Frederico possuía uma pinta de nascença no pescoço que o diferenciava do seu irmão André. Ambos vestiam-se de forma idêntica, pois usavam bermudas, camisetas e tênis sem meias devido ao calor que se fazia no Rio de Janeiro. E, sem sombra de dúvidas, eles eram uns pestinhas e muito brincalhões. Às vezes extrapolavam os limites com as suas brincadeiras, como no dia em que eles propositalmente soltaram as galinhas que o tio James criava no quintal de casa, perseguindo-as e tentando fazê-las voar como se fossem pássaros. Obviamente elas não voaram. Por isso, nesse dia, a tia Sofia ficou muito chateada com eles e os colocou de castigo no banquinho de frente para a parede para que eles pudessem refletir sobre as suas atitudes e não cometer mais aquelas brincadeiras de mau gosto. E, em uma linda manhã de janeiro, a minha mãe levou-me ao centro da cidade de São Paulo para que eu pudesse pegar o ônibus da Viação Cometa, que tinha como destino principal o estado do Rio de Janeiro. Ainda na estação, ela se aproximou de mim dizendo:

– Vamos, Nicolas! Pegue as suas malas e segure este bilhete referente à sua passagem. Entregue-o ao fiscal vestido de azul. Peça a ele para lhe ajudar a guardar as suas malas, pois, chegando ao Rio de Janeiro, a sua tia Sofia vai estar esperando por você na estação de ônibus junto aos seus primos e seu tio James.

– respondeu Rosa franzindo as sobrancelhas com um olhar penetrante.

– Mas a senhora não vai comigo? – perguntei franzindo as sobrancelhas desapontado.

– Infelizmente, não. Eu e o seu pai temos assuntos a tratar na cidade e, afinal, você já tem 12 anos de idade, portanto já se tornou um rapazinho. Você deve começar a se virar sozinho. – respondeu Rosa com um singelo sorriso.

– Mas quem me garante que não vai acontecer nenhum acidente pelo caminho? Ou pior, vai que me sequestram no meio do caminho? E se me roubarem durante a viagem? Ou até mesmo quem me garante que a tia Sofia realmente vai estar me esperando lá no Rio de Janeiro? – perguntei com os olhos esbugalhados, apreensivo e carrancudo.

– Ora, Nicolas! Não seja medroso. Nada vai acontecer durante a viagem. Afinal, Deus está com você e vai acompanhá-lo nesta viagem. E, quanto à sua tia Sofia, ela vai estar esperando-o lá, pois eu enviei para ela uma carta faz já uns 10 dias avisando que você vai passar as férias com ela, e, inclusive, ela até enviou uma carta confirmando que vai estar lá esperando você, pois, de antemão, eu já passei para ela o dia e o horário que você vai chegar lá. – respondeu Rosa murmurando de forma quase inaudível.

– Tudo bem! Se você está dizendo, eu vou confiar na sua palavra. Benção, mãe! – respondi aliviado.

– Deus o abençoe, meu filho! Vai com Deus! – respondeu Rosa aos beijos e abraços.

Imediatamente eu entrei no ônibus modelo GMPD 4104, da Viação Cometa, batizado de Morubixaba. Ele possuía uma cor prata e era equipado com um motor Detroit Diesel 6-71, ar-condicionado, direção hidráulica e janelas com excelente visibilidade para os passageiros. Assim que entrei, sentei-me em frente à janela no final do ônibus para que eu pudesse admirar a paisagem lá fora e aproveitar melhor a viagem, o que não deu muito certo porque, depois de aproximadamente uma hora de viagem, uma mulher maluca pôs-se de pé no final do ônibus e resolveu fazer uma festinha surpresa para a sua vó, que estava completando naquele dia 99 anos de idade. Rapidamente aquela mulher tirou de dentro de uma sacola de mercado um bolo colorido, um pote enorme de salgados e quatro garrafas

de suco, além de copos descartáveis, e começou a distribuir no ônibus para os passageiros. Depois a mulher e os passageiros começaram a cantar “parabéns” para a velhinha, e todo mundo no ônibus começou a fazer a maior farra perturbando a paz alheia. Depois de aproximadamente três horas de perturbação, a velhinha sentou-se ao meu lado, e as suas pálpebras começaram a ficar carregadas de sono. Repentinamente ela encostou a sua cabeça no meu ombro e resolveu tirar uma soneca. Naquele momento, fiquei constrangido e não tive nenhuma outra opção a não ser agir naturalmente como se nada estivesse acontecendo. Não demorou muito para que eu caísse no sono e durante toda a viagem acordei umas três vezes para ir ao banheiro e me alimentar, pois o percurso até o Rio de Janeiro era longo, de aproximadamente 12 horas de viagem. No fim da tarde, eu desembarquei do ônibus Morubixaba, da Viação Cometa, no centro da cidade do Rio de Janeiro, e assim que eu desci do ônibus tratei de pegar as minhas malas o mais rápido possível. Enquanto pegava as minhas malas, fiquei espantado com tantas pessoas naquele lugar, pois parecia que eu estava dentro de um formigueiro. O trânsito estava caótico, com milhares de carros, ônibus e pessoas transitando de um lado para o outro ao mesmo tempo e ocupando o mesmo espaço da cidade, causando um verdadeiro caos urbano. Naquele momento, eu fiquei confuso e não tinha nenhum senso de direção. Não sabia se ia para a direita, esquerda, para frente ou para trás. Porém, repentinamente, eu ouvi alguém gritar o meu nome desesperadamente, e, para a minha surpresa, era a tia Sofia, que vinha em minha direção correndo e dizendo:

– Nicolas! Nicolas! Nicolas! – gritou desesperadamente Sofia.

– Nossa! Eu fiquei muito preocupada com você, meu amor! Como aquela desnaturada da sua mãe pôde colocá-lo sozinho em um ônibus e mandá-lo para o Rio de Janeiro dessa forma?

Você está bem? – perguntou Sofia, abraçando-me fortemente nervosa e agitada.

– Sim, estou bem, tia. Fico feliz em ver você. Não sabia que aqui no Rio de Janeiro tinha tanta gente assim. Eu me lembro que, nas outras vezes que eu vim com o meu pai e a minha mãe, este lugar era mais vazio. – respondi, franzindo as sobrancelhas com os olhos esbugalhados.

– É verdade. O problema é que estamos exatamente no centro da cidade e com certeza o fluxo de pessoas e automóveis aqui é muito maior do que em outras partes da cidade. Agora me diga, você quer comer alguma coisa? Pois poderíamos tomar um café na padaria, o que você acha? – perguntou Sofia, franzindo as sobrancelhas apreensiva enquanto íamos embora da estação de ônibus.

– Não, tia. Eu já comi durante a viagem. – respondi fazendo um gesto impaciente.

– Ótimo! Então vamos partir, pois o seu tio e os seus primos estão esperando-o a algumas quadras daqui. – respondeu Sofia com um singelo sorriso.

Imediatamente nos afastamos da rodoviária e do fluxo intenso de pessoas, e andamos algumas quadras até o carro do tio James. Logo pudemos avistá-lo com o seu fusca azul estacionado em frente ao mercado com os meus dois primos, Frederico e André, que vinham correndo na minha direção tão rápidos como se estivessem correndo em uma maratona, e quando finalmente se aproximaram de mim, pularam em cima de mim e me derrubaram no chão com uma grande euforia, pois fazia uns dois anos que eu não os via.

– Oba! O Nicolas voltou! É um grande prazer revê-lo, meu primo querido! – respondeu Frederico bastante eufórico enquanto sorria e despenteava os meus cabelos.